

BARRO
—
RELAÇÃO
DAS
CRUELDADES
QUE OS
OLANDESES
USARÃO COM OS
MORADORES
DO R. GRANDE

PA0033

8

PA 0033



dupl

LOPO CURADO GARRO

Breve, verdadeira e autentica
Relação das ultimas tyrannias
e crueldades que os perfidos
Olandeses usarão com os
*** moradores do Rio Grande ***

ARQUIVO NACIONAL
LIVRO n.º 178
Em 15/09/92
BIBLIOTECA

NOTA PREAMBULAR



REEDITA-SE, mais uma vez, a *Breve, verdadeira e autentica Relação das ultimas tyrannias e crueldades que os perfidos olandeses usarão com os moradores do Rio Grande*, devida á penna do bravo cabo de guerra Lopo Curado Garro, parahybano de nascimento e figura de relevo nas lutas contra os batavos.

E' uma carta eloquente dirigida aos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e datada de 23 de Outubro de 1645, verificando-se do contexto que o foi da Parahyba.

Publicou-a no seu livro *O Valeroso Lucideno e triumpho da liberdade* o padre mestre frei Manoel Calado, um dos chronistas daquelles feitos memoraveis de nossa historia.

Esse livro veio a lume em 1648, mas, prohibido que corresse, só vinte annos depois entrou em circulação, tendo o editor apenas mudado a folha do rosto e pondo-lhe a data de 1668. O motivo dessa prohibição, não obstante todas as licenças costumeiras, foi uma reclamação do vigario de Itamaracá, que se sentiu melindrado com as referencias nada li-songeiras do frei Manoel Calado. O saudoso mestre Capistrano de Abreu deixou isto esclarecido no seu trabalho — *Memorias de um frade* — dado a lume na Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

O exemplar, donde foi transcripta a «Relação» de Curado Garro, é dessa supposta segunda edição. (Vide — Figanière — Bibl. hist. n.º 846) Contam Barbosa Machado e Loreto Couto a Lopo Curado Garro entre os escriptores portuguezes, referindo-se ambos a esse escripto ora reestampado.

A biographia de Curado Garro, talvez o primeiro autor parahybano, é mal conhecida, e por isso transcreveremos os dados fornecidos por aquelles benemeritos classicos.

Justifica-se esta reimpressão pelo curioso do assumpto e por ser obra rarissima *O Valeroso Lucideno*. Enriquece-se assim a grande biographia de opusculos sobre a guerra hollandêsa com mais um de certo interessante. Lembra o nome esquecido de um patriota e de varios martyres riograndenses. Identificado o logar da matança, que elle descreve, bem poderiam o governo e o povo do Rio Grande do Norte mandar erguer modesto monumento que relembresse eternamente o morticínio daquelles bravos riograndenses pelos usurpadores hollandêses. Nunca é tarde para se render a antepassados merecida homenagem.

Diogo Barbosa Machado, o illustre abbade de Sever e maior bibliographo portugûes do Seculo XVIII, foi o primeiro historiador que armou Lopo Curado Garro cavalleiro das letras, incluindo-o, generosamente, na sua monumental *Bibliotheca Lusitana*, repositorio opulento de quasi todos os autores que viveram antes d'elle.

Foi nesse manancial de informações literarias que Innocencio Francisco da Silva colheu as primeiras bases para o seu prestadio *Diccionario bibliographico*.

Nós brasileiros devemos ser gratos ao abbade de Sever não só porque elle deu guarida no seu repositório bibliographico aos primeiros letrados brasilienses, como tambem porque hoje desfructamos a preciosa bibliotheca que reuniu.

E' sabido que Barbosa Machado offereceu ao rei D. José a sua rica bibliotheca, mandando El-Rey collocal-a no paço para supprir a falta da antiga bibliotheca real destruida por occasião do terremoto de Lisboa, em 1755. Trouxe-a D. João VI para cá e aqui ficou, constituindo o primitivo fundo da Bibliotheca Nacional.

Muito pouco sabia o erudito abbade de Lopo Curado Garro, tanto que d'elle apenas diz isto :

«Lopo Curado Garro, capitão de Pernambuco no tempo que estava dominado pelos Olandezes. Para mostrar que era igual a sua penna á sua espada, escreveu em 23 de Outubro de 1645 aos mestres de Campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, famosos instrumentos da liberdade em Pernambuco, *Breve, verdadeira, e autentica relação das ultimas tyrannias e crueldades, que os perfidos Olandezes*

usaram com os moradores do Rio Grande. Sahio impressa no Valeroso Lucideno composto por Fr. Manoel Calado a p. 277. Lisbõa por Domingos Carneiro. 1668. fol.» (1)

O autor dos *Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*, o beneditino D. Domingos do Loreto Couto, adianta que Lopo Curado Garro é natural da Parahyba. Vem de molde transcrever as suas informações :

«Lopo Curado Garro, natural da cidade da Parahyba, e hum dos tres governadores da aclamação da liberdade pernambucana naquella capitania, a natureza o ornou de talento perspicaz, e de intrepido valor, com a espada, e com a penna triumphou dos inimigos da patria, alcançando pelas suas proezas fama perduravel, e nome eterno.

Para mostrar que sabia ao mesmo tempo jogar as armas, e mover a penna, escreveu em 23 de Outubro de 1645 aos mestres de campo André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieyra, governadores da liberdade de Pernambuco — *Breve, verdadeira, e autentica relação das ultimas tyrannias, e crueldades, que os perfidos olandezes usarão com os moradores do Rio Grande. Sahio impressa no Valeroso Lucideno composto por frey Manoel Calado a pag. 277. Lisbõa por Domingos Carneiro, 1668, fol. Delle faz memoria o autor do Castrioto Lusitano. Liv. 5.º n.º 82. L. 6 n.º 142, e a Bib. Lusit. Tom. 3. pag. 16.» (2)*

Com esses dados, as referencias de frei Raphael de Jesus, e outros possivelmente encontraveis em Brito Freire e Santa Theresa, pode fazer-se summaria biographia de Lopo Garro, e incorporal-o aos escriptores coloniaes. Quem sabe se não apparecem ainda outras cartas do mesmo?

Em todo caso basta a sua descripção do morticinio de Cunhaú para lhe perpetuar a memoria nos dominios da historia. Não creio que o proprio Garro tenha sonhado com o renome literario. Frei Manoel Calado quando transcreveu a epistola famosa não foi a titulo de obra d'arte, mas como documento historico, para adiantar alguma cousa dos acontecimentos da guerra no Rio Grande, dos quaes depois se occuparia.

Muitos informes para a biographia de Garro tambem se encontram na *Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heroe digno de eterna memoria, primeiro aclamador da guerra*, por Diogo Lopes Santiago, dada a lume pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em diversos numeros de

(1) *Bibliotheca Lusitana historica, critica, e chronologica* por Diogo Barbosa Machado, abb. Academico do numero da Academia Real. Lisbõa. MDCCXXXI. Com todas as licenças necessarias, Vol. III, p. 16.

(2) Vide — *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XXV, 1903.

sua revista. Esse autor attribue grande importancia á mortandade de Cunhaú que muito teria concorrido para levantamento dos povos da Parahyba contra os hollandêses. Partilha essa opinião outro chronista — frei Raphael de Jesus.

Vê-se desses chronistas que Lopo Curado Garro residia na Parahyba, sob o dominio hollandês, e deve a sua patente militar a João Fernandes Vieira, que o escolheu, bem como a dois outros, Jeronymo de Cadena e Francisco Gomes Moniz, para governadores da capitania da Parahyba, patente que elle recebeu no Tibiri, tendo vindo da cidade, onde, parece, morava. (1)

O capitão Lopo Curado Garro, durante quasi dez annos, fez parte do triumvirato que governou a Parahyba, de 1º de Setembro de 1645 a 12 de Fevereiro de 1655, em que a direcção da capitania passou ás mãos de João Fernandes Vieira. (2)

Em 1664 ainda vivia na Parahyba, conforme se verifica de uma referencia ao seu nome feita pelo Conde de Obidos, governador geral do Brasil, em carta dirigida ao governador da capitania João do Rego Barros, natural de Olinda, fidalgo da Casa Real e commendador da Ordem de Christo, carta de censura recempublisheda nos *Documentos historicos*, vol. IX, pagina 185, da qual copio o seguinte periodo que diz respeito a Curado Garro: «Convem-lhe a Vossa Mercê conservar-se no posto com toda a prudencia, e obedecer, a minhas ordens, sem dilatar-lhes o effeito como succedeu em dar posse ao Capitão Lopo Curado Garro, da fortaleza de que o provi. E esta advertencia creio eu que evita toda a occasião de me poderem chegar queixas de Vossa Mercê quando só desejaria ter muitas de lhe fazer o favor que merece, e lhe solicitam muito as lembranças de seu tio de Vossa Mercê de quem faço tão particular estimação.»

Tendo continuado a vida militar após a restauração, é muito provavel que os archivos brasileiros e portuguezes ainda revelem muitos informes a seu respeito.

Fernandes Gama, em meado do seculo passado, vulgarizou, em suas *Memorias*, hoje raras, a celebre relação de Lopo Curado Garro. (3)

(1) Vide RAPHAEL DE JESUS — *Catrioto lusitano*, 1679, p. 361.

(2) IRINEU FERREIRA PINTO — *Datas e notas para a historia da Parahyba*, I, paginas 60, 62 e 353.

(3) J. B. FERNANDES GAMA — *Memorias historicas da Provincia de Pernambuco*, 1844, 48, vol. III, p. 80.

O autor deste contemporaneo, Diogo Lopes de Santiago, nella se inspirou para descrever o martyrio de *Uruacú*, que Galanti considera um dos episodios mais importantes da nossa historia. (1)

A *Relação* pediria talvez ligeiros commentarios para completo entendimento do leitor commum. Limitamo-nos, porém, a fazer três ligeiros reparos.

A palavra indigena *Huruauassú* que nella apparece é, no pensar de Varnhagen, erro, que deve ser corrigido para *Uruassú* ou *Uruacú*, graphia esta a que dá preferencia Rodolpho Garcia.

Gesman é aportuguêsamento de *Garstman*, governador hollandês da fortaleza do Rio Grande, o mesmo que posteriormente esteve prisioneiro na Bahia.

Finalmente, o sujeito que dirigiu a matança de Cunhaú e depois a de Uruacú foi o judeu allemão Jacob Rabbi, lingua e amigo dos Tapuias. Desse aventureiro trata Raphael de Jesus, no Castrioto Lusitano, em varios capitulos, e modernamente Alfredo de Carvalho e Hermann Wätjen. (2)

Rabbi teve depois o fim que merecia.

A transcripção que fizemos da *Relação* é inteiramente fiel ao original, comtudo, para facilitar a leitura, julgamos de bom alvitre fazer as seguintes alterações graphicas: desdobrar a abreviatura *q̃* em *que*; usar *v* em lugar de *u* intervocalico; não utilizar *s* de haste, tão incommodo aos nossos habitos visuaes e tão facilmente confundivel com o *f*. Tambem á conjuncção *e* foi dado typo moderno, e separaram-se com hyphen os pronomes obliquos dos respectivos verbos. Tenho cá para mim que o respeito demasiado ás incongruencias das graphias antigas é pouco mais que toleima. Só se justifica quando estiver em causa a authenticidade dos documentos, ou elles forem reproduzidos para fins juridicos.

Rio, 1 de Junho de 1929.

ALCIDES BEZERRA

(1) P. RAPHAEL M. GALANTI, S. J. — Historia do Brasil, T. II, p. 325, da 2.^a ed. A proposito do chronista Diogo Lopes Santiago não tem precedencia a affirmação, que já por vezes temos ouvido, de que Capistrano de Abreu o identificou como sendo pseudonymo de Fr. Manoel Calado. Eis aqui as palavras do grande mestre, que podem ser lidas na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, vol. 65, pagina 83:

«Affirmou-se que deixara (Entenda-se: Fr. Manoel Calado) prompta para a impressão a segunda parte do livro, mas ninguem diz onde a viu, ou onde parava. Talvez um manuscrito da Bibliotheca do Porto, de que a nossa Bibliotheca Nacional possui copia, nos dê a chave do problema. Lê-se com effeito nella: *Segunda parte do Valeroso Lucideno*. Examinado, porém, o contexto, vê-se que o que se chama *Segunda parte do Valeroso Lucideno* não passa de capitulos da historia da guerra hollandeza, escripta por Diogo Lopes Santiago, e já publicada na *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*».

(2) ALFREDO DE CARVALHO — Um interprete dos Tapuias, *Revista do Ins. Arch. e G. Pernambucano*, n.º 78, p. 657. H. WÄTJEN — Das holländische Kolonialreich in Brasilien, p. 161, 257.

BREVE, VERDADEIRA, E AUTENTICA Relação das ultimas tyrannias, e crueldades, que os perfidos Olandeses usarão com os moradores do Rio grande, escrita pelo Capitão Lopo Curado aos dous Mestres de Campo, e Governadores da liberdade de Pernambuco, João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros, cujo traslado de verbo ad verbum, he o seguinte.

Em particular aviso a Vossas Senhorias do memoravel successo do Rio grande, depois das duas matanças que fizerão os tyrannos Flamengos, acompanhados de barbaros Tapuias, e Pitiguares, e nesta derradeira, certo que he incrível a tyrannia, no qual servirá de maior exemplo, e que escureça todas quantas tem succedido no mundo em tẽpo dos Emperadores Romanos antigos; memoria que averá em quanto durar o dito; pois o sangue derramado de tantos innocentes, clama aos Ceos justiça, e aos Principes da terra favor, a tomar vingança de taes tyrannos: e para relatar os successos, e modos que ouve entre os ditos Flamẽgos de suas deslealdades, e traiçoẽs, he tomar o tẽpo a Vossas Senhorias, ainda que o mesmo o ha de manifestar; porque taes tyrannos quer Deos que os conheção, para que a Christandade veja, que mais val passar por todos os tormentos da morte, que viver morrendo entre o nome de tal gente. Patẽte he a Deos, e ao mundo, e o será daqui em diante às mais remotas naçoens delle, a traição que usarão os ditos Olãdeses com os pobres moradores do Rio grande, estando em hũa cerca recolhidos por se livrarem dos Barbaros Tapuias, e Brasilianos, passando, e padecendo nella avia tres meses notaveis miserias, nos quaes forão acometidos por muitas vezes dos taes inimigos, que ainda não fartos do sangue, que fizerão derramar ao povo de Cunhahũ, e casa forte de João de Lostao, pretenderão esgotar o de esta pobre gente cercada, para que nella se acabasse o nome Portugues daquella Capitania, para o que dezaseis dias e noites os tiverão em cerco, assim Tapuias, como Brasilianos, e Flamengos, nos quaes lhes derão terrivies baterias sem as poderem levar, usando de hũ ardil, para cõ elle fazer a obra que pretendião. E foi, que armarão hũs carros emmadeirados, levando-os diante de si, com mosquetaria, e outros instrumentos de

guerra para chegarem á dita cerca, mas não foi bastãte este artificio, porque setenta Portugueses que avia nella, ainda que poucos no numero, mas muitos no esforço, os arredarão de si de maneira com quinze armas de fogo, e os mais com paos tostados, que lhe quebrarão os carros, e os puzerão em fugida com perda do dito inimigo de vinte homens, sem da nossa parte perigar nenhum, e vendo os ditos Flamengos que os não podião render, lhes cometerão que se entregassem, pois elles erão alli vindos da fortaleza, e seu Tenête, para os guardarem assi dos ditos salvagês, como dos Flamengos moradores, que com os ditos estavam, os quaes lhes tinham feito aquella guerra. E vendo os ditos moradores o tão pouco que se podião fiar da palavra de tyrannos, disserão, que em quanto alli estivessem Tapuias, e Brasilianos, querião antes morrer, que se entregar; e que tinham bom exemplo na traição das mortes, que fizerão no Cunhahù na casa forte de João de Lostao, ao que lhes responderão, que em nome de S. Alteza o Principe de Orãge, lhes requerião se entregassem, e não usassem mais de armas, prometendo-lhes vidas, e fazendas, na maneira que até então os gozavão, e fazendo o contrario que mandarião vir hũa peça de artilharia da fortaleza, e com ella os baterião, e não escaparia nenhum, e os terião por alevãtados. E considerando os ditos cercados, que já não tinham mantimentos nenhũs, nem munições para sustentar as armas, fiados nas palavras dos ditos Flamengos, lhes disserão, que fizessem disso hum papel, o qual fez o Tenête, e os mais officiaes de guerra, em que se assinarão, e nelle lhes prometerão de os guardar dos ditos salvagês Tapuias, e Brasilianos, e cõservar com a vida, e fazêda; e feito o sobredito, pedirão que em refens avião de levar cinco moradores para a fortaleza, o que lhes foi concedido: os quaes forão Estevão Machado de Mirãda, Vicête de Sousa Pereira, Frãcisco Mèdes Pereira, João da Sylveira, Simão Correa, deixando elles dez soldados de guarda da dita cerca, e gête que nella estava; e tomarão todas as armas de fogo, e paos tostados com que os moradores se tinham defendido. Estavão mais recolhidos para segurarẽ suas vidas na fortaleza o P. Vigario Ambrosio Frãcisco Ferro, Antonio Vilèla o Moço, Joseph do Porto, Frãcisco de Bastos, e Diogo Pereira. E prisioneiros João Lostrao Navarro, Antonio Vilèla Cide. Em dous do presête mes de Outubro chegou hũa lancha do Arrecife ao Rio grãde, e conforme a execução que se fez, trouxe ordẽ para matar a todos os moradores de dez annos para sima, como ao diante se verã; em tres do dito mes vespera de S. Francisco mandarão os Flamẽgos da fortaleza sahir a todos os moradores, que nella estavam, que forão os assima nomeados, dizendo que já estavam seguros dos Tapuias, por quanto se tinham hido para o sertão, e que fossẽ em cõpanhia da tropa que hia em sua guarda para a cerca aonde estavam os outros moradores, visto aver

là muitos mantimentos com que se podião sustentar, e não estando na dita fortaleza passando fomes por falta de mantimentos, e que hião seguros, por quanto tinhão là na dita cerca aos ditos dez soldados, que lhes tinhão deixado para sua guarda. No mesmo pôto lâçarão aos ditos, que estavam na fortaleza, e em bateis os levarão pelo Rio assima tres legoas, acõpanhados dos soldados, e os lâçarão fora no porto do dito Rio, chamado Huruauassù mea legoa da dita cerca, na qual acharão passante de duzêtos Brasilianos bẽ armados cõ Antonio Paraupaba escaramuçado em hũ cavallo, e tão que estiverão em terra, os Flamengos dispirão nús aos ditos moradores, e os mādaráo por de joelhos (o que elles receberão com muita paciencia, e os olhos em Deos) e logo chamarão aos Brasilianos para os matar, o que se executou logo, fazêdo nos corpos desses martyres taes anotomias, que são increiveis; e não cõtêtes cõ ellas, os ditos Flamengos os ajudarão a matar, assi arraçado os olhos a hũs, e tirando as linguas a outros, e cortando as partes vergonhosas, e metendo-lhas nas bocas. No mesmo instãte que os acabarão de matar, forão os ditos Flamẽgos à cerca deixando os Brasilianos no lugar em que tinhão feito os martyrios nomeados para a segũda execução; e aos moradores disserão, que os senhores do Cõcelho do Arrecife os mādavão chamar, para o que estava hũ barco logo para partirẽ, e que fossẽ em sua cõpanhia para os embarcarẽ, e vêdo os sobreditos que era a viagẽ tão apertada, sã lhe darẽ demõra algũa, e sem saberẽ dos que erão mortos, e disserão todos jũtos, e cada hũ por si, que elles hião a morrer, porque seus coraçõens lho dizião; e despedindo-se com lagrimas, e suspiros de molheres, e filhos, e irmãos, e irmaãs, forão todos dando graças a Deos, e mui conformes, por morrerẽ por seu Deos, e por seu Rey, e sua patria, e dizendo estas mesmas palayras aos tyrannos algozes que os levavão; e chegando aonde estavam os sobreditos Brasilianos lhos entregarão, e cõ a tirãnia, e deshumanidade que em seus corações habita, os matarão, sã ficar nenhũ; na qual execução se fizerão as maiores anotomias, e martyrios nos corpos destes martyres, que são cousas que a boca não pode pronũciar. E acabãte as ditas mortes deixarão os corpos postos ao Sol, e sobre a terra, e sã sepultura nenhũa, e os mēbros tão divididos em partes, quẽ não se conhecia quaes erão os de cada hũ dos ditos martyres. No mesmo instante forão os mesmos tyrannos Flamengos, e Brasilianos à cerca, aonde sómente ficarão as pobres viuvãs, e orfaõs, e as acabarão de despojar de todos seus bẽs, deixando-as a muitas nuas, e com outros oprobrios, que passo em silencio. Julguem agora Vossas Senhorias o que farião as pobres viuvãs, quando souberão dos mesmos algozes, que todos os homens erão mortos, e tão cruelmente, para que

os olhos se aprestarão a fontes, e as bocas, para as funeraes lamentações de seus consortes, pois he de ver (meus senhores) que até isto estes tyrannos tirarão a esta pobre gente, porque querendo lamentar cõ suspiros, e lagrimas seus desaventurados dias; estes taes lho não querião consentir, e as fizerão calar, ora com roins palavras, ora com pés, e mãos, dando-lhe de bofetadas, e couces, e ameaçando-as, que as avião de matar se choravão; e por não passar em silencio nas pessoas, e nomes de algũs martyres, os declararei por a constancia que tiverão em suas mórtes, e martyrio. Antonio Baracho casado o amarrarão em hum poste, e vivo lhe arrancarão a lingua, e depois o coração, e desta maneira morreo, cortando-lhe suas partes secretas, e metendo-lhas na boca ainda em vivo. A Matheus Moreira o abrirão por as costas, e lhe tirarão tambem o coração, e às ultimas palavras, estando neste martyrio, que disse, forão louvar a Deos, dizendo *Louvado seja o Sanctissimo Sacramento*. E porque na morte destes innocentes, ouvesse admiraveis circumstancias, relatarei a Vossas Senhorias algumas cousas que sucederão mais milagrosas que humanas. Hũ mancebo por nome João Martins o levarão para morrer com os mais, e sendo todos mortos a vista do sobredito, lhe cometerão que lhe darião a vida se tomasse armas contra sua nação, a que elle respondeo com alegre rosto. *Não me desempara Deos dessa maneira, essas tomei sempre contra os tyrannos, e não contra a minha Fé, patria, e Rey*. E que o matassem logo porque estava invejando as mortes de seus companheiros, e a gloria que tinham recebido, e quando o não quizessem matar, elle mesmo os persuadiria a que o fizessem. Dous mancebos casados, hum chamado Manoël Alvrez Ilha, e outro Antonio Fernandes, depois de estarem em terra cheos de feridas, e nús das cintas para cima, meterão as mãos nas aljubèiras, e puxando cada hum por sua faca, e investindo com os Brasilianos matarão logo a tres delles, e ferirão a quatro, ou sinco, fazendo isto com as ansias da morte, e logo cahirão mortos outra vez. Estevão Machado de Miranda tinha hũa menina de sete annos sua filha na fortaleza em sua companhia, e trazêdo-a consigo a receber o martyrio, vendo a dita menina que os Flamêgos querião matar a seu pai, como aos outros presentes, se abraçou com elle, pedindo a vida do pai com as lamentações, e entendimêto de molher de muitos annos, e os Flamengos a tirarão dos braços do dito pai, ao que lhe disse o dito. *Filha, dize a tua mãi que se fique embora, que no outro mundo nos veremos*. E desta maneira matarão, e a menina tirou a saia depois do pai morto, e se foi para elle, e cobrindo-lhe o rosto, e chorando, e pedindo que a matassem tambem, a quem os ditos algozes lançarão mão da dita saia, e trouxerão a menina a sua mãi, e ella, e os mais contarão o caso. Huma filha de Antonio Vilèla o Moço matarão sendo criança pequena, pegando-lhe os

Tapuias à vista dos Flamengos em hũa perna, e dando-lhe cõ a cabeça em hũ pao, e a fizerão em dous pedaços. E a outra filha de Francisco Dias o Moço a matarão tambem, e a abrirão em duas partes com hum alfange. E a hũa molher casada com Manoel Rodriguez Moura, despois do dito morto, lhe cortarão as mãos, e os pés, e a sobredita molher em tres dias naturaes esteve deitada no chão viva, e acabou, dando a alma ao Criador. Diversos martyrios derão neste dia aos corpos dos martyres, e ouve nelle muitos milagres patentes, e vistos, que quiz Deos mostrar, que os taes hião a gozar da bemaventurança. Succedeo pois que aquella noite que padecerão se ouvisse huma musica no Ceo sobre a fortaleza do Rio grande, e ouvindo-a a molher de hũ Flamengo chamado Gesman Governador das armas nesse Arrecife, se levantou chamando por algũas molheres, e tambem por suas escravas para que ouvissem a musica que hia no Ceo, o qual caso testificou a sobredita; certo presagio que forão os Anjos que acompanhavão as almas destes martyres para o Ceo. Na cerca donde tinhão sahido os ditos martyres, estava entre outras meninas hũa filha de Diogo Pinheiro de idade de oito annos, chamada Adriana, e dando-lhe võtade de chorar, entrou para hũa camarinha por não ser vista, aonde achou hũa molher cõ hũa zorrague na mão, e lhe disse. *Calate filha, que com este azorrague que aqui ves, ande ser castigados estes que fazem estas crueldades, como logo saberás.* Atribulada a menina sahio para fora, e vendo as molheres a mudança della, lhe pergũtarão o que tinha? E como assombrada contou a successo, e dahi a pouco chegou a nova dos innocentes mortos, que certo bem parece que a Virgẽ Senhora nossa tẽ tomado o castigo destes tyrannos a sua conta. Naquella mesma noite ouve grande cheiro de incenso na dita cerca, que durou muito tẽpo, e foi patente a todos, sem se saber donde o dito cheiro procedia senão do Ceo. Ouve tambem entre estes martyres grandes penitẽcias, sem saberem hũs dos outros, e ao dia que padecerão, jejuavão todos a pão, e agua, assi os da fortaleza, como os da cerca, não sabẽdo hũs dos outros, ao outro dia por a manhã pedirão licença as molheres para hirem a enterrar os corpos mortos, e não lho consentirão; o que os escravos fizerão às escondidas, e não se achou hũ palmo de pano para os amortalharem a nenhũ, por deixarem as ditas molheres em estado que ficarão despidas de todo, achou-se que todos estes corpos estavam cõ cilicios, e os que os não tinhão cõ cordas cingidas, e algũas tão metidas por a carne que mal aparecião. E sabe-se que durante o tẽpo que estavam cercados ouve extraordinárias penitencias, e até os meninos as fazião, sendo todos nũs, e cõ cordas cingidas, e todos os dias se fazião procissões cõ hũ sancto Crucifixo, esperanças claras destas almas estarẽ gozãdo da bẽaventurança. Sobre a sepultura aonde foi enterrado o P. Vigairo

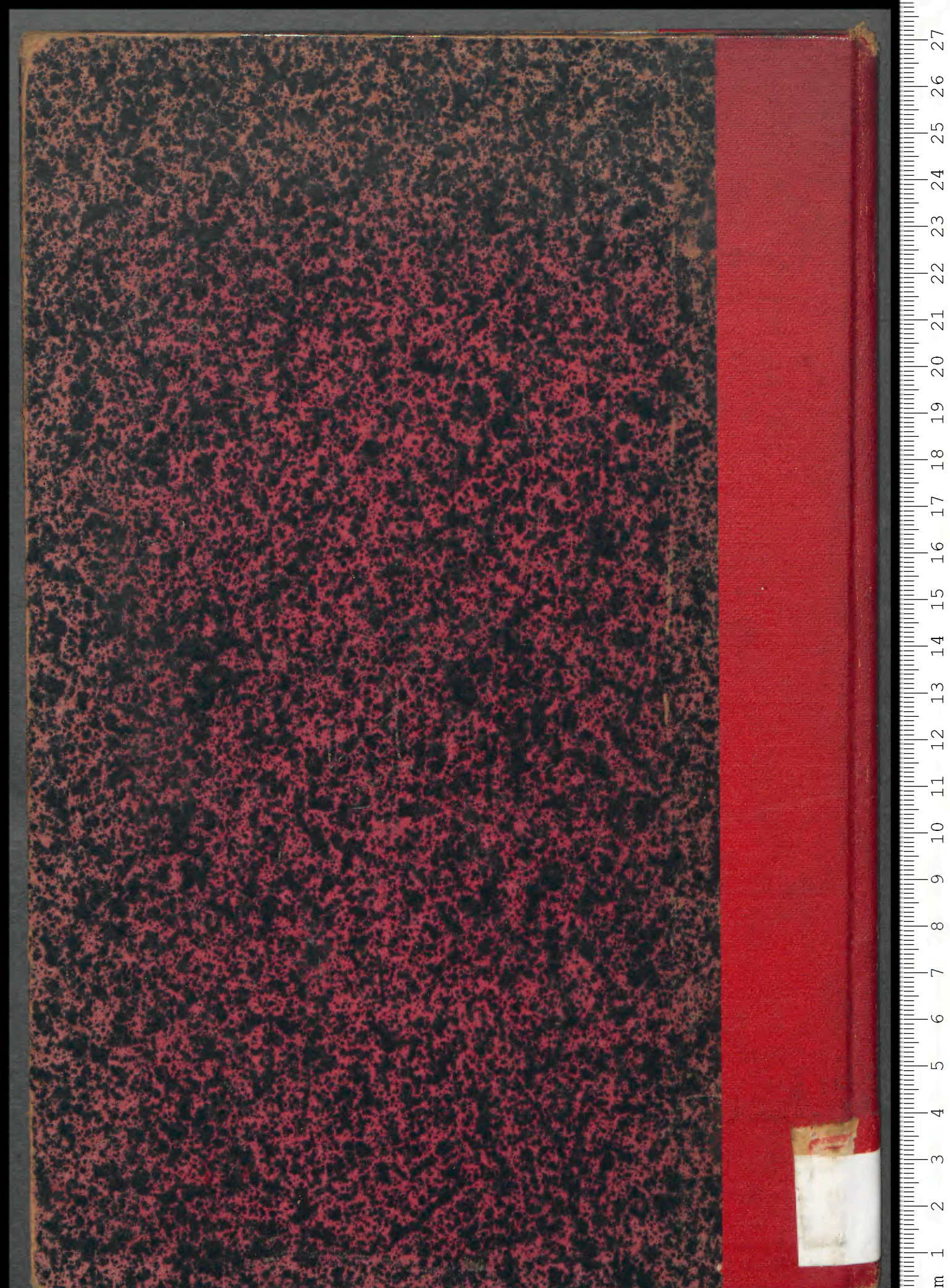


Ambrosio Frãisco Ferro se achou quinze dias depois da sua morte hũa posta de sangue fresca sem corrupção, como se naquella hora fosse derramado, mostras bastantes, que o tal brada ao Ceo justiça. Muitas outras cousas milagrosas succederão, dignas de se recontarem, que deixo ao tempo, no qual fio não passará, e todas assima declaradas forão vistas, e juradas, e autênticas por vinte e cinco molheres que o inimigo botou nesta Paraiba, com suas familias, as ditas chegarão de maneira, e tão transfiguradas, que mais parecem pessoas resuscitadas que vivêtes corpos. O Bolestrate as mandou deitar aqui, e a algũas lhes concedeo algũa roupa que trazião sobre os corpos, mas em as querêdo desembarcar em terra as despirão de maneira que apenas trouxerão camisas, as quaes lhe largarão por já não terẽ prestimo para serviço de outro corpo. Vossas Senhorias perdoem o compendio da carta, que lhes affirmo que se ouvera de relatar o que se tem passado naquella Capitania ouvera mister muitas mãos de papel, com tudo o faço destas sobreditas cousas assima, que não faltarão curiosos para o fazer do mais que falta, porque Deos o permite, e manda que seião publicas as maldades destes tyrannos.

Deos guarde a Vossas Senhorias, hoje vinte e tres de Outubro de mil e seiscentos e quarenta e sinco annos.

Lopo Curado Garro.





MINISTÉRIO DA GESTÃO
E DA INOVAÇÃO E SERVIÇOS PÚBLICOS



ARQUIVO NACIONAL